

RESENHAS

**JOVCHELOVITCH, Sandra. Representações sociais e esfera pública:
a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis:**

Vozes, 2000, 232p.

Luciano Antonio Furini*
Eda Maria Góes**

Sandra Jovchelovitch é brasileira, graduada em psicologia. Obteve o grau de mestre na Pontifícia Universidade Católica - PUC - RS, doutorou-se em Psicologia Social pela London School of Economics and Political Science, Inglaterra. Foi diretora de estudos na Maison des Sciences de l'Homme, onde trabalhou com M. Maurice Aymard e Serge Moscovici, cuja influência é notável em seus trabalhos.

Atualmente, a autora é professora e pesquisadora na London School of Economics and Political Science (LSE), um dos mais importantes centros de estudos e pesquisa em psicologia social do mundo.

Mesmo longe do Brasil ela mantém vínculos de trabalho e pesquisa com colegas brasileiros. Sua pesquisa está centrada na produção de saberes sociais e na articulação destes com a construção de comunidades e identidades sociais.

Como a própria autora explicita, o livro é organizado em duas partes dispostas em 7 capítulos, sendo que a primeira parte apresenta questões que a segunda busca responder. Pode-se observar que ela atinge os objetivos propostos e o faz utilizando-se dos métodos abaixo descritos, conseguindo assim gerar elementos capazes de explorar a realidade do objeto de estudo de perspectivas diferentes.

A autora utiliza o método dialético, com procedimentos monográficos e modalidade interpretativa e analítica fornecidas pela psicologia social. A utilização de entrevistas narrativas, grupos focais e análise do conteúdo da imprensa como métodos,

aponta para análises comparativas na coleta de dados. Devido ao fato de que na psicologia social a objetividade implica uma subjetividade, a autora destaca que tal objetividade somente pode ser concebida em termos de uma formulação explícita de critérios, regras e procedimentos. Também ressalta que a relação entre os métodos quantitativos e qualitativos se dá por uma interpenetração de ambos e que isto proporciona ao pesquisador uma fonte valiosa de novas descobertas.

Este livro discute como as pessoas constroem as representações sobre a vida pública e como essas representações se transformam em espaço simbólico. Também busca demonstrar a conexão crucial entre as representações sociais enquanto espaço simbólico e esfera pública enquanto espaço social.

Destaca que as representações são fenômenos simbólicos produzidos na esfera pública e que a teoria das representações sociais pode fornecer um entendimento sobre o problema. Discutindo a esfera pública brasileira contemporânea como resultado de condições sociais históricas que caracterizavam o continente Latino Americano e buscando desvendar a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil, indaga como os sujeitos sociais se apropriam desta história, a redefinem e a transformam.

Começando por refletir sobre a vida pública no Brasil e acabando por refletir sobre a esfera pública em geral e sua relação com a psicologia social em particular, a autora constata que a lacuna

* Universidade Estadual Paulista – FCT – Presidente Prudente – Discente do Departamento de Pós-Graduação em Geografia. Rua Roberto Simonsen, 305 – Presidente Prudente (SP). e-mail luanfu@bol.com.br.

** Universidade Estadual Paulista – FCT – Presidente Prudente – Docente do Departamento de Pós Graduação em Geografia. Rua Roberto Simonsen, 305 – Presidente Prudente (SP). e-mail edagoes@prudente.unesp.br.

existente entre o *dito* e o *feito* na esfera pública brasileira gera um desencanto para com o *comum*, fazendo logo emergir o fatalismo e a alienação. Assim configurando-se um passado que foge rapidamente - o que é demonstrado no capítulo 6 com o caso 'Collor' - e um futuro que se deve aceitar como destino fatal.

Quando a autora busca introduzir elementos relacionados com o desenvolvimento histórico da esfera pública e identificar os diversos sentidos que esta esfera assume em cada uma das várias configurações sociais em que ocorreu, ela o faz permeando o aspecto dicotômico entre o público e o privado da sociedade. Logo, apontando a relação dialética entre o *comum* e o *particular*, destaca que a fronteira entre estes domínios não é determinada pelo objeto e sim pela forma de circulação deste em sociedade e pelo lugar onde são alocados.

Na trajetória histórica apresentada, a esfera pública perpassa: a personalidade do senhor feudal, o Estado enquanto autoridade, e a esfera pública burguesa, apontando, assim, os elementos constituintes da nova esfera pública, que seriam: a independência econômica, a imprensa livre, as reuniões públicas, a alfabetização de massa e o estímulo à reflexão crítica.

Questiona, por meio das idéias de Winnicott e Piaget, a noção de que o sujeito individual é necessariamente um fenômeno unicamente privado. Embora reconhecendo, em parte, um agir autônomo neste sujeito individual, ela destaca que só se é indivíduo em relação ao social. Recorre ao conceito de *espaço potencial* de Winnicott, no qual as pessoas estariam num intermédio entre a realidade e a fantasia, para caracterizar as representações sociais como mediadoras entre o sujeito individual e o campo social. Busca, desse modo, fundamentar seu argumento principal de que as representações sociais são um fenômeno radicado na esfera pública.

Destacando a relação dialética entre representações sociais e esfera pública, também mostra como as *mediações sociais* geram as representações sociais. Delineia-se assim um *lôcus* da pesquisa: a mídia, a partir do qual discute as mudanças radicais introduzidas pelos meios de comunicação na fronteira entre esfera pública e privada.

A imprensa é empregada como fonte e guia para operacionalizar o conceito de esfera pública. Assim, parte da análise contempla: imprensa, esfera pública e representações sociais. Com relação à imprensa, foi desenvolvido um sistema de significações, o qual revelou que no período pesquisado, deu-se grande destaque ao tema da *rua* enquanto lugar de ameaça e medo onde o povo seria uma massa bruta a ser controlada e os militares seriam o fantasma a ser evocado para tal controle. Também o tema da corrupção na *política* mereceu atenção, com ênfase na idéia de que o nepotismo estabeleceria os laços entre o público e o privado. Assim o medo e a corrupção nos espaços públicos revelariam uma lógica representacional que geraria a perda da dimensão do *outro generalizado*.

A imprensa é então apresentada como que desenvolvendo um sistema de representações que se nutre de padrões culturais e elementos históricos, difundindo e transformando estas representações. Isto permite à comunidade perpetuar sua identidade e sustentar seu padrão cultural. Apesar de serem portadores destas representações, os próprios meios de comunicações deixam aberto um espaço para se identificar e se questionar as mesmas.

A autora adverte que as representações do real podem vir a ser realidade de fato, simplesmente porque são imaginadas e desejadas. Logo, esse *pode vir a ser*, revela novamente uma relação com o *espaço potencial* de Winnicott. Porém, neste sentido, é destacado que enquanto o historiador procura eliminar as *lacunas* entre a realidade e sua representação, o psicólogo social faz desta lacuna uma das fontes centrais de sua investigação. O discurso do passado e do futuro estaria impregnado do viver atual.

Quando apresenta as representações sociais em narrativas, a autora o faz destacando o caráter manipulador destas, tanto em relação à vida social como ao individual, assim ela baseia-se em Sperber (1985), no qual, a narrativa é tida como uma metáfora da contaminação cultural, infectando e transformando as representações das comunidades. A formação, a cristalização e a circulação de representações sociais buscam, nos elementos da forma narrativa, soluções para problemas vitais da teoria das representações sociais. Neste sentido, é *a representação da fatalidade, o uso do tempo, e*

o vínculo entre o ordinário e o extraordinário que possibilitam o deslocamento e a erosão dos novos sentidos. O uso do tempo possibilita transformar a história em destino e um evento extraordinário em ordinário, reprodução do passado, ou seja, trata-se da *supremacia do passado*, assim, o passado descobre o novo e ao mesmo tempo o recobre. Usada assim, a supremacia destrói a própria história (sociedade que não muda, fatalidade presente).

De acordo com a proposta da autora, o livro procurou demonstrar que as representações sociais são formas de mediação simbólica firmemente radicadas na esfera pública. Apresentando os postulados que emergiram na busca do entendimento das representações sociais percebe-se que os mesmos permeiam aspectos da gênese e desenvolvimento destas, ou seja, as representações são tidas enquanto: estruturas simbólicas; processo de construção identitária, processo de relações cognitivas, afetivas e de ações, mediação social, além de relações entre: esfera pública, práticas comunicativas e usos do poder.

Enfim, o que se propõe é mostrar que as representações sociais não são produtos de mentes individuais, embora encontrem expressão em mentes individuais. Fica claro que o social é um espaço de fronteiras institucionais e limites que se tornam fluidos e se transformam devido ao encontro entre o *eu* e o *outro*; os resultados apresentados sustentam as críticas da autora aos pós-modernos, pois sob influência destes autores chegou-se a propor a *morte do sujeito*. Estariam assim *matando todo mundo*, ou seja, implicaria em uma mudança no próprio *locus* interrogativo da psicologia, pois é na encruzilhada entre o sujeito e o mundo que as representações são formadas.

Destacando a importância de se entender o que historicamente pertence ao público e o que pertence ao privado, além de suas inter-relações, para se resgatar o potencial da vida pública brasileira, a autora trabalhou com a idéia do *ser brasileiro* como *eu generalizado*, ser este que seria *híbrido* porque composto de diversas culturas. Assim comportaria uma identidade e uma não identidade, o que propiciaria as separações entre *rua e política* e entre outros âmbitos da esfera pública.

Observa-se que a reformulação da questão das *representações coletivas*, trabalhadas por Durkheim (1968), para *representações sociais* trabalhadas por Moscovici (1989), é complementada pelo avanço do estabelecimento de uma conexão crucial entre as representações sociais enquanto espaço público e da esfera pública enquanto espaço social.

Buscando confrontar os espaços que originam as representações sociais, a autora baseia-se em Moscovici (1984) para mostrar que as representações sociais estão radicadas nas reuniões públicas, nos cafés, nas ruas, entre outros, caracterizando, desse modo, os lugares em que os sujeitos sociais se encontram, para falar e dar sentido ao cotidiano, como o espaço em que as representações sociais são formadas.

Pelo exposto acima, espera-se ter demonstrado a relevância do trabalho realizado pela autora e seu interesse para professores, pesquisadores em história, psicologia social, sociologia, geografia e todos aqueles que trabalham com a questão do público e do privado.

Considero uma contribuição notável a demonstração clara e objetiva da autora de que as representações sociais são radicadas na esfera pública. Esta demonstração contribui para evidenciar empiricamente o caráter social da radicação das representações sociais e assim, o que mostra a mediação social como *locus* impossível de ser desconsiderado quando se pesquisa representações sociais.

As pesquisas em representações sociais, quer considerem o âmbito interno, quer considerem o âmbito externo do grupo social, devem buscar, nos dois casos, esclarecer como foram ou quais foram as mediações que possibilitaram tais representações sociais, do contrário, se não se conhecer os mediadores, corre-se o risco de não se delimitar corretamente o campo de análise e dessa forma perder elementos valiosos na análise ou na síntese elaboradas. Foi o que não ocorreu com a autora quando mostrou a representação social das ruas enquanto ameaça e perigo, pois, com o uso dos grupos focais foi possível deixar claro que foram as mediações, que as pessoas dos grupos estabeleciam, que formaram aquelas representações sociais.